



Laurie Frankel

ADEUS,
POR ENQUANTO

Tradução
MARIA ALICE STOCK

BR
BR
BR
BR

Copyright © 2012 by Laurie Frankel

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Goodbye for Now

CAPA Design and illustration: www.cabinlondon.co.uk

PREPARAÇÃO Renato Potenza Rodrigues

REVISÃO Gabriela Morandini e Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frankel, Laurie

Adeus, por enquanto / Laurie Frankel ; tradução Maria Alice Stock. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: Goodbye for Now.

ISBN 978-85-65530-22-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-00391

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

PARTE I

O que sobreviverá de nós é amor.
Philip Larkin, *An Arundel Tomb*

Aplicativo matador

Sam Elling preenchia seu perfil de relacionamento on-line tentando decidir se ria ou chorava. Por um lado, acabara de se descrever como “alguém que ria fácil” e respondera oito em uma escala até dez à pergunta “Quão macho você se considera?”. Mas, por outro lado, tudo aquilo era muito frustrante e ninguém, ele sabia, aceitaria menos que oito na escala de masculinidade. Sam estava tentando pensar em cinco coisas sem as quais não poderia viver. Sabia que muitos pretendentes escreviam descaradamente: ar, comida, água, abrigo e mais alguma coisa ligeiramente engraçada. (Pensou que queijo suíço seria um complemento inteligente à lista, ou talvez vitamina D, embora, como estivesse em Seattle, parecia, de fato, estar vivendo muito bem sem ela.) Poderia ir para o lado tecnológico — laptop, outro laptop, tablet, conexão sem fio, iPhone —, mas pensariam que ele era um nerd da computação. Tudo bem que era, mas não queria que soubessem logo de cara. Poderia ir para o lado sentimental — porta-retratos com a foto do casamento dos pais, moeda da sorte do avô, programa do seu momento de estrela na montagem de *Grease* no ensino médio, carta de admissão no MIT, primeira fita de música que uma menina havia feito para ele —, mas suspeitava que isso desmentiria o fator macho indicado. Poderia ir para o lado da lactose: queijo suíço de novo (estava claramente com desejo de queijo suíço sem motivo aparente) mais sorvete de chocolate, cream cheese, pizza do Pagliacci, e café latte duplo. No entanto, não era verdade. Ele poderia viver sem essas coisas, só não gostaria muito.

O fato era que aquele exercício era cinco coisas: chato, intrometido, forçado, embaraçoso e totalmente sem sentido. Ele não tinha nenhum hobby porque trabalhava o tempo todo, motivo pelo qual não conseguia encontrar namorada. Se não trabalhasse o tempo todo (ou não fosse programador de software e portanto também trabalhasse com algumas mu-

lheres), teria tempo para hobbies que poderia listar, mas nesse caso não haveria necessidade porque não precisaria de encontros on-line para conhecer pessoas. Sim, era um nerd da computação, mas também era, ele achava, inteligente, divertido e razoavelmente bonito. Só não tinha cinco hobbies ou cinco coisas espirituosas sem as quais não pudesse viver ou cinco coisas interessantes em seu criado-mudo (a resposta sincera teria sido: copo meio cheio de água, copo com um resto de água, copo vazio, lenço de papel assoado, lenço de papel assoado) ou cinco esperanças reveladoras para o futuro (nunca ter que fazer isso de novo, repetir cinco vezes). Tampouco se importava com os hobbies declarados, as cinco necessidades na vida, os criados-mudos, ou o futuro de outras pessoas. Já tinha respondido variações dessas perguntas insanas em outro site, tinha saído com as pessoas que o site sugerira, e visto no que dava toda aquela bobagem. Dava em bobagem. Se escolhesse as que pareciam bem pé no chão (livros, utensílio para escrever, abajur, rádio-relógio, celular), acabava com uma chata. Se escolhesse as que pareciam excêntricas (chapéu de chuva amarelo, Polaroid, sal de fruta sabor limão, foto de Gertrude Stein, miniatura de plástico de Mao), acabava com mulheres muito estranhas e cheias de si. Se escolhesse *aquela* que parecia combinar bem (“Laptop e sinceramente nada mais porque é tudo de que preciso”), acabava com uma nerd da computação tão parecida com seu colega de quarto da faculdade que imaginava se ele tinha feito uma operação de mudança de sexo pouco convincente sem avisá-lo. Então você podia escolher entre chata, estranha ou Trevor Anderson.

Cinco coisas sem as quais Sam não poderia viver: sarcasmo, zombaria, desprezo, escárnio, cinismo.

Isso não era tudo, é claro. Se fosse, ele não estaria procurando encontros on-line. Estaria de mau humor e sozinho entocado em um apartamento no subsolo em algum lugar (Xbox, Wii, PlayStation, televisão de tela plana de cinquenta e duas polegadas, nachos de micro-ondas). Em vez disso, estava se expondo novamente. Isso não indicava otimismo em relação ao amor? (Esperança, alegria, carinho, generosidade, a promessa de alguém para dar um beijo de boa noite.) Talvez, mas era cafona demais para escrever no formulário ridículo.

O problema do formulário ridículo era o seguinte: não era só que

as pessoas não diziam a verdade — embora não dissessem mesmo. Era que não havia *como* dizer a verdade, mesmo se você quisesse. Coisas em um criado-mudo não revelam a alma. Esperanças no futuro não podem ser resumidas em formulários para estranhos. Perguntas em que você precisa preencher os espaços em branco na frase são divertidas mas não são indicativo do futuro de um relacionamento a longo prazo. (Nem mesmo são realmente divertidas.) Até as coisas com respostas diretas não conseguiam revelar o que você precisava saber. Por exemplo, Sam queria namorar uma mulher que soubesse cozinhar e que gostasse de fazê-lo, mas não podia ser porque ela fosse uma espécie de deusa doméstica que precisasse de uma casa limpa o tempo todo (Sam não era organizado), e não podia ser porque ela acreditasse que o lugar de uma mulher fosse em casa e que ela deveria cuidar de seu homem (Sam era feminista), e não podia ser porque ela fosse uma dessas pessoas que só come comida orgânica, sustentável, produzida localmente, sem produtos químicos, ecologicamente responsável, integral, crua, vegana (ver acima sobre a paixão de Sam por laticínios). Tinha que ser porque Sam não cozinhava e ela sim e ambos precisavam comer, e ele assumiria em troca outra tarefa doméstica como lavar a louça, dobrar as roupas ou limpar o banheiro. Não havia espaço para tudo isso no formulário, nem mesmo um lugar para indicar que ele era o tipo de homem que considerava tais minúcias bizarras relevantes.

Ainda assim, um homem tem necessidades. E não as que você está pensando. Bem, essas também, mas não era nelas que Sam estava pensando. O que ele pensava era que seria agradável ter alguém com quem sair para jantar nas noites de sexta-feira, com quem acordar na manhã de sábado, para ir com ele a museus, ao cinema, ao teatro e a festas, restaurantes, jogos e viagens de final de semana prolongado, trilhas, andar de esqui, visitas aos pais, degustações de vinho e eventos do trabalho. Essa última era especialmente urgente para Sam, que trabalhava na empresa de encontros on-line cujo formulário estava lhe causando tanta agonia. A companhia empregava muitas pessoas exibidas e dinâmicas — a maioria homens — que levavam muitas pessoas exibidas e dinâmicas — a maioria mulheres — aos muitos eventos de gala exibidos e dinâmicos. Sam não possuía gravatas coloridas até conseguir esse emprego, não

era nem exibido nem dinâmico, e achava realmente que um emprego como programador de software em um cubículo de três paredes, cercado de outros programadores com camisetas com dizeres matemáticos obscuros, bonecos de Jornada nas Estrelas e cubos mágicos de sete faces, devia tê-lo livrado desse tipo de pressão no trabalho. Mas os advogados, vice-presidentes, diretores financeiros, vips e investidores distorciam a curva e, além disso, era uma empresa de encontros on-line — aparecer nesses eventos sozinho era uma má escolha profissional. Sam passava aquelas noites em seu smoking apertado demais fazendo piadas internas estranhas com seus estranhos compatriotas programadores solteiros, bebendo vodca com tônica de graça e com medo de que nunca encontrasse o amor verdadeiro.

No ensino médio em Baltimore, quando Holly Palentine viu, além de sua aparência nerd, o coração legal que batia ali dentro e aceitou primeiro dançar com ele no baile de boas-vindas, depois que ele a levasse para jantar e ver um filme, e em seguida ficar namorando no porão na casa dele a maior parte das tardes depois da escola, Sam presumiu que se casaria com sua namorada de escola. Lembrava-se de dançar colado nela na festa da primavera e imaginar como estariam no dia do casamento. Depois ela mandou uma carta do acampamento de escoteiras onde era monitora perguntando se ainda poderiam ser amigos. Ainda? Sam não tinha percebido que aquilo sequer estivera em discussão. Na faculdade, no MIT, experimentara encontros de fim de noite no dormitório, garotas que flertavam com ele em festas, apaixonar-se loucamente pela barista do Shot Through the Heart (embora não tivesse tentado falar com ela) e um relacionamento real, adulto, de um ano e meio com Della Bassette, que depois se formou e partiu para três anos de trabalho voluntário no Zimbábue, e outro ano e meio de amor sólido, de-começar-a-pensar-em-anel-de-noivado com Jenny O'Dowd, que realmente o amava e queria estar com ele para sempre, só que acidentalmente também ficou com o companheiro de quarto dele no semestre antes da formatura. Duas vezes. Depois Sam tentou ficar sozinho, sendo bem menos provável que ficar sozinho resultasse na destruição de sua alma e no despedaçar de seu coração. Tentou não se importar, não se arriscar e não olhar, passar tempo com amigos homens, tirar férias sozinho, dedicar-se ao cresci-

mento interior, e cancelar a tv a cabo. Nada disso funcionou. Não estar apaixonado significava menos probabilidade de se machucar. Mas ele honestamente não via sentido.

Não via sentido porque era uma dessas pessoas que sempre, sempre tinha que estar acompanhada, e não porque ele não se considerasse completo sem uma parceira, nem porque caso contrário fosse difícil demais fazer sexo, mas porque quando não estava passando o tempo com pessoas que amava, Sam descobriu que passava muito tempo com pessoas que não amava. Seus colegas de trabalho eram legais no trabalho, mas não tinham muito que conversar quando saíam depois. Happy hours com amigos com quem havia perdido contato desde a faculdade o faziam lembrar de por que perdera o contato. Conversar sobre amenidades em festas de amigos de amigos significava fingir achar interessante um monte de coisas que ele não achava interessantes.

Quando se mudou da Costa Leste para Seattle, Sam tentou encontros pela internet e não conseguia acreditar que tinha estado vivo por trinta e três anos e meio e nunca houvesse pensado em fazê-lo antes. Sam acreditava em computadores e programação, em informação codificável, em algoritmos e números e lógica. Seu pai também era programador de software, além de professor na Universidade Johns Hopkins, então Sam fora criado para acreditar: computadores eram sua religião. Todo o resto do mundo tentava encontros on-line como a única opção depois de não ter conhecido ninguém no vasto oceano da faculdade. Mas Sam gostava de encontros on-line porque eliminava o mistério. Talvez você conhecesse alguém e gostasse dela, e ela de você, e vocês começassem a namorar e tudo corresse muito bem, e vocês ficassem mais e mais próximos, compartilhassem mais e mais, começassem a construir uma vida juntos e se apaixonassem profundamente, e ainda assim ela dormiria com seu colega de quarto quando você fosse para casa no fim de semana. Computadores nunca deixariam acontecer uma variância tão atípica.

Encontros on-line ainda não tinham funcionado para Sam. Mas pagavam bem. E isso afinal tinha quase a mesma importância. Numa manhã linda-demais-para-ir-trabalhar em junho, toda a equipe de Sam recebeu uma mensagem de texto envergonhada do chefe. “Aviso”, Jamie escreveu. “Agenda do CC para a AI-pé de hoje: quantificar o coração humano.”

Jamie se referia ao presidente altamente importante da empresa, o chefe de seu chefe, como cc. Sam o adorava por isso. cc tinha decretado recentemente que cada equipe começaria toda manhã com uma reunião em pé, sendo que a ideia era que a empresa não gastasse o tempo de seus programadores brilhantes com uma reunião de verdade, mas somente um breve encontro no corredor. Geralmente, tinha a duração de uma reunião de verdade mas sem o conforto das cadeiras, pães e doces. Jamie então a chamava de AI-pé, teoricamente significando “Assistida Inteiramente em pé”, embora na realidade ilustrasse como seus pés estavam no fim da reunião. Sam adorava Jamie por isso também. E ainda porque ele não era obsessivo com pontualidade, o que dava tempo a Sam para correr de volta ao apartamento e trocar os sapatos por outros mais confortáveis.

“A história é a seguinte”, disse Jamie quando Sam chegou. “cc acha que precisamos de um slogan melhor. Alguns sites de namoro prometem ‘as pessoas mais divertidas’. Alguns apregoam ‘a porcentagem mais alta de casamentos’. cc quer subir a barra. Muitos encontros acabam dando errado. Muitos casamentos acabam em divórcio. O que é melhor que namoro e melhor que casamento?”

“Amizade colorida?”, chutou Nigel, da Austrália.

“Alma gêmea”, disse Jamie. “cc quer um algoritmo que descubra sua alma gêmea. Portanto, recorro a vocês. O amor é uma coisa complicada. Todas aquelas variáveis humanas. A alma não é lógica. O coração quer o que o coração quer. Difícil identificar. Difícil quantificar e programar. Mas somos programadores, esse é nosso trabalho. Então precisamos conseguir. Digam-me como.”

“Aumente as chances de transar”, disse Nigel. “Encontros mais casuais levam a sexo mais frequente e mais rápido. Quanto mais longe você chegar no primeiro encontro, mais informação terá sobre compatibilidade sexual.”

“Não vai funcionar”, objetou Rajiv de Nova Délhi. “Sair com alguém é chato.” Nesse ponto os engenheiros de software, exceto Nigel, estavam em acordo.

“Não é divertido”, disse Gaurav de Mumbai.

“É muito desconfortável”, disse Arnab de Assam.

“E é tudo falso”, disse Jayaraj de Chennai. Cinco estados indianos

em que Sam havia se tornado especialista desde que começara a trabalhar como engenheiro de software: Délhi, Assam, Maharashtra, Tamil Nadu, Bengali Oeste. “Você é muito pior num encontro do que na vida real”, continuou Jayaraj. “Não consegue juntar duas frases sem parecer um idiota. Gagueja, fala de assuntos estranhos e se envergonha demais. Não é assim na vida real.”

“Ou você se apresenta sendo melhor do que realmente é”, completou Sam, “o que também é mentira. Você se arruma toda e penteia o cabelo e passa maquiagem quando na verdade anda pela casa o dia todo com roupa de fazer ioga e cabelo preso num rabo de cavalo.”

“Maquiagem?”, Jamie levantou a sobrancelha.

“Rabo de cavalo?”, perguntou Jayaraj.

“Precisamos de uma terceira pessoa”, sugeriu Arnab, “como os astrólogos hindus que conhecem todo mundo na aldeia há gerações, e assim arranjam casamentos no nascimento que duram até a morte.”

“Muitas culturas têm casamenteiras. Os *nakodo* japoneses. Os *shad-chens* judaicos.” Gurav tinha se formado em antropologia na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. “Há séculos de precedentes. Eles percebem uma verdade.”

“Qual?”, perguntou Jamie.

“Quem as pessoas acham que são e o que elas acham que querem não é na verdade quem elas são ou o que querem”, disse Gaurav sabiamente. “Anciãos sábios, às vezes mágicos, arrumam alguém para você com base em quem você realmente é, em quem seria bom para você.”

“Não tenho anciãos mágicos”, disse Jamie.

“Não, você tem uma coisa melhor ainda”, disse Sam. “Programadores de computador. Podemos analisar um pouco mais a fundo os dados que os usuários fornecem. Ver o que os dados dizem sobre eles, em vez do que eles mesmos dizem.”

Os pés de todos estavam ficando cansados, então analisar mais a fundo parecia valer a pena. “Acusar nossos clientes de mentir”, disse Jamie. “Tenho certeza de que cc vai adorar.”

Sam parou para tomar um café no caminho de volta a sua mesa. (Havia cinco lugares num raio de duzentos metros da mesa de Sam onde se podia comprar um excelente café latte duplo: o café no segundo andar,

o café no décimo quarto andar, a cantina, o café no saguão da entrada da Quinta Avenida, o café no saguão da entrada da Quarta Avenida. Sam adorava Seattle.) Depois se sentou e pensou onde, se não nos formulários do site, as pessoas revelavam verdades sobre si mesmas. Mandou uma mensagem para Jamie: “Posso ter acesso aos registros financeiros dos clientes?”.

Jamie escreveu de volta imediatamente. “Acusar nossos clientes de mentir e invadir a privacidade deles. cc vai adorar isso também.”

Primeira prova irrefutável que Sam tinha de que os usuários estavam mentindo sobre si mesmos: todo mundo em todos os lugares estava o tempo todo tendo surtos de preocupação com privacidade na internet, mas se ele promettesse conseguir amor ou ao menos sexo, as pessoas consentiam que ele acessasse suas movimentações financeiras, faturas de cartão de crédito, contas de e-mail, ou qualquer outra coisa só porque Sam pedia com gentileza. Nessas informações Sam via as pessoas não como elas se representavam mas como realmente eram. Viu que elas diziam que suas cinco comidas preferidas eram mirtilos orgânicos, vitamina de broto de trigo, quinoa vermelha, sanduíche de *tempeh*, e caviar de beluga, mas haviam gasto uma média de quarenta e sete dólares e setenta centavos por mês no ano anterior em uma loja de conveniência. Viu que as cinco coisas que listavam na cabeceira eram todas DVDs de filmes estrangeiros, mas tinham assistido *Shrek Para Sempre* em 3D duas vezes no cinema e passado a semana do festival de filme estrangeiro com antigos colegas da faculdade no rancho de um cara no Wyoming. Notou que elas diziam gostar de escrever poemas e contos e até incluíam uma citação de *Ulisses* no perfil, mas Sam analisava seus e-mails e sabia que estavam entre os doze por cento que menos usavam adjetivos e não faziam ideia de como usar ponto e vírgula. Todo mundo mentia. Não era por malícia nem mesmo de propósito, geralmente. Não era tanto que estivessem criando uma representação errônea de si mesmos, era mais que estavam completamente erradas. Como viam a si mesmas e como eram na verdade eram duas coisas bem distantes.

Sam era romântico, sim, mas também era engenheiro de software e, como era melhor nesse último quesito, usou suas forças a seu favor. Durante duas semanas seguidas, trabalhou obsessivamente em um algorit-

mo que descobrisse quem você realmente era. Ele ignorava o formulário que você mesmo havia preenchido e lia em vez disso seus relatórios de gastos, extratos de banco e e-mails. Lia seu histórico de chats e mensagens de texto, seus posts e atualizações de status. Lia seu blog e o que você postava no blog de outras pessoas. Olhava o que você comprava on-line, lia on-line e o que você cuidadosamente evitava on-line. Ignorava quem você dizia ser e quem você dizia querer e olhava quem você realmente era e quem realmente queria. Sam mesclou as tradições ancestrais dos casamenteiros com as verdades que os usuários revelavam mas não admitiam sobre si mesmos, combinadas ao poder dos processadores de dados modernos, e fez o algoritmo que mudou o mundo dos encontros. Decifrou o coração.

Seus colegas ficaram impressionados. Jamie ficou contente. Mas cc estava exultante com o algoritmo, especialmente depois que viu o teste de conceito e como funcionava incrivelmente bem.

“Acertamos no primeiro encontro!”, cc disse entusiasmado. “É só disso que vamos precisar. Isso é que é um aplicativo matador!”

A garota na sala ao lado

O próximo passo para Sam, claro, era testar ele mesmo o programa. Queria saber se funcionava. Queria provar que funcionava. Mas acima de tudo, queria que funcionasse. Queria que ele procurasse pelo mundo e encontrasse, apontasse como o dedo de Deus e dissesse: “Ela”. Quão bom era esse algoritmo? Na primeira tentativa, ele juntou Sam com Meredith Maxwell. Ela trabalhava ao lado dele. No departamento de marketing da mesma empresa que Sam. No primeiro encontro, foram almoçar na cantina do trabalho. Ela estava encostada no batente da porta sorrindo quando ele desceu do elevador, sorrindo também sem querer.

“Meredith Maxwell”, disse, apertando a mão dele. “Meus amigos geralmente me chamam de Max.”

“Não de Merde?”, perguntou Sam, incrédulo, horrorizado consigo mesmo enquanto falava. Quem fazia uma piada assim — pretenciosa, escatológica, e em francês — para causar uma primeira impressão? Sam estava sendo estranho, desconcertante e um pouco rude.

Inacreditavelmente, Meredith Maxwell riu. “*Je crois que tu es le premier.*”

Era como se um milagre tivesse ocorrido. Ela tinha achado graça. Achava Sam engraçado. Mas não era um milagre. Era ciência da computação.

“Onde você aprendeu francês?”, Sam recuperou-se depois que estavam sentados em um canto com as bandejas da cantina.

“Passei um ano fora quando estava na faculdade, em Bruges. Também aprendi flamengo.”

“Isso deve ser bem útil”, disse Sam.

“Menos do que você pensa. Os únicos com quem falo flamengo são meus cachorros.”

“Você tem cachorros?”

“Snowy e Milou.”

“Você tirou os nomes dos cachorros de uma história em quadrinhos belga.”

“Bom, de um quadrinho belga e da sua tradução em inglês”, disse Meredith Maxwell.

Sam estava profundamente impressionado consigo mesmo. Embora ela não tivesse dito nada em seu perfil no site sobre os nomes dos cachorros nem Sam tivesse falado de sua obsessão por Tintim na infância, ele havia criado um algoritmo que sabia mesmo assim. Sam era uma espécie de gênio. Meredith Maxwell, por sua vez, era bonita e divertida e evidentemente inteligente, tinha trinta e quatro anos (Sam gostava de mulheres mais velhas, mesmo que somente sete meses), tinha viajado o mundo, era poliglota, gostava de cachorros e do sorvete de morango da cantina, e sua pele tinha cheiro de mar.

“Foi divertido”, disse Meredith enquanto devolviam as bandejas. Mas não parecia ter certeza.

“Vamos fazer de novo?”, disse Sam.

“Talvez fora daqui?” Sam notou que isso não era um não, mas tampouco um claro-que-sim-não-seja-bobo-sim. Será que não funcionava tão bem quanto ele pensava? Será que funcionava no papel (bem, no código) mas não na realidade? Ou mais horrível ainda: será que ela era seu par perfeito, a única alma em todo o mundo que combinava com a dele, toda a humanidade resumida em uma pessoa... e ela gostava mais ou menos dele? Esforçou-se para lembrar de primeiros encontros que tivessem causado uma boa impressão. Ele era maluco? A cantina do trabalho não era uma boa primeira impressão. Aquele encontro não contava. Precisava começar de novo. “Vamos jantar em algum lugar especial.”

“O.k.”, ela concordou.

“Hum... Canlis? Campagne? Rover’s?” Sam enumerou restaurantes caros aleatoriamente. Nunca tinha ido a nenhum deles. “Podíamos pegar a balsa até Victoria? O Canadá é muito romântico.”

“Barcos me fazem vomitar”, ela disse.

“Aquele restaurante no alto do Space Needle?”

“Você gosta de beisebol?”, ela disse.

Sam parou de respirar. Era uma pergunta de brincadeira? “Gosto de beisebol.”

“Que tal jantar no estádio? Sábado à noite? Cachorro-quente assistindo ao jogo? Pode ser mais divertido.”

O jogo *foi* divertido. E também o jantar, bem mais informal do que Sam tinha sugerido, mas ainda assim do tipo que poderia ser considerado extravagante em Seattle. E também a peça que Meredith escolheu para eles assistirem e a interrogação a que o submeteu depois, que foi como uma prova de inglês mas com mais pressão (afinal de contas, o que estava em jogo era mais importante). E também o filme de horror coreano no cinema de três dólares, e a trilha em Hurricane Ridge. Mas ainda assim o clique não fora imediato. Ou talvez fosse o contrário.

“Não posso deixar de notar”, Meredith observou depois de passar o dia todo na trilha, depois de tomarem banho separados, de secar o cabelo com toalha e do vinho tinto, velas e comida tailandesa para viagem no chão da sala de casa, “que você ainda não me beijou.”

“Não?”, disse Sam.

“Não.”

“Que estranho descuido. Por que não, você acha?”

“Pode ser que você não goste de mim”, Meredith sugeriu.

“Não acho que seja por isso”, disse Sam.

“Pode ser que você me ache horrível.”

“Também acho que não é por isso”, disse Sam, chegando depressa mais perto dela.

“Pode ser que você seja um péssimo programador e esse algoritmo não funcione e nós não tenhamos nada a ver, um casal péssimo, desditoso, malfadado, sem química.”

“Sou um programador brilhante”, disse Sam.

“Talvez você esteja com medo”, disse Meredith.

“De quê?”

“Rejeição.”

“Não tem muita chance de isso acontecer. Talvez *você* esteja com medo.”

“Eu?”, ela disse.

“Sim, você”, disse Sam, chegando ainda mais perto. “Talvez *você* tenha medo de *me* beijar. Talvez você tenha um fígado de lírio.”

“E o que é que isso quer dizer?”, ela disse. “Que o seu fígado é florido? Que você é uma menininha? Que todas as toxinas do seu sangue que ele filtra são flores?”

“Vem dos humores. Sabe, bile, sangue, fleuma”, Sam murmurou romântico. “Falta cor no seu fígado, então ele é todo branco, pálido e covarde, e fica ali no seu trato digestório impedindo você de me beijar.”

“Você sabe muitas coisas, Sam”, ela disse.

“Isso é ruim?”, perguntou, sentando-se. Tinha inclinado tanto na direção dela, os olhos semicerrados, que se sentia quase tonto. Ou talvez não fosse por isso.

Ela pensou um pouco. “Gosto de homens inteligentes, mas talvez quanto menos conversa sobre fleuma antes do nosso primeiro beijo, melhor.”

“Não sabia que estávamos bem antes do nosso primeiro beijo”, Sam disse.

“Bom, então acho que você não sabe tudo afinal de contas.”

Foi ela quem o beijou então ou ele quem a beijou? Ou já estavam tão próximos nessa hora que a próxima inspiração juntou suas bocas, que a batida feroz do coração de Sam empurrou-o para ela? Ou foi o destino, a compatibilidade, a química ou a ciência da computação? Sam não queria saber. Esqueceu-se de pensar nisso. Esqueceu-se de pensar em qualquer coisa.

Beijaram-se por um tempo. Depois pararam de se beijar por um tempo e ficaram ali respirando juntos. O apartamento de Meredith era decorado com modelos de avião pendurados pelo teto. Suas sombras balançando à luz de velas faziam Sam se sentir como se estivesse voando. Ou talvez não fosse por isso. Então Meredith disse: “Bom, foi legal. Por que você demorou tanto?”

Sam tentou dizer casualmente, “Por que *você* demorou tanto?”. Tentou trazer “fígado de lírio” de volta à conversa enquanto seus batimentos cardíacos diminuía. Em vez disso acidentalmente respondeu com ho-

nestidade. “Acho... tenho certeza de que esse vai ser meu último primeiro beijo. Na vida. Queria saboreá-lo.”

“Como?”, perguntou Meredith.

“Esqueci”, disse Sam, e ela sorriu, mas fora acidentalmente honesto de novo. “Deixe-me tentar de novo.”